

Amostra: Planejadores dos planos que desenvolvem os projetos e programas em favor das Políticas Públicas de promoção da leitura no Brasil e em Portugal.

CB07

A	Caracterização do entrevistado
	<p>A1- Há quanto tempo coordena (ou participa) o/do PNLL/ PNL?</p> <p>Na verdade, desde que eu entrei na secretaria de educação em 1995, eu comecei trabalhando em escola, mas um ano depois eu fui convidada para ir para sessão de bibliotecas, antiga sessão de bibliotecas. Nessa sessão de bibliotecas eu já comecei a trabalhar com o Proler, fui compor o GT do Proler no Distrito Federal, era incipiente, tava iniciando e a gente iniciou junto com a UnB (universidade de Brasília) a fazer um grupo de trabalho com oficinas, palestras e discussões sobre a questão de leitura. Posteriormente eu continuei trabalhando, ainda dentro dessa sessão, com projetos e programas de leitura, essa Sessão que hoje é uma gerência, ela cuidava, coordenava e executava os programas nacionais do livro, então a gente acompanhou toda a implementação do PNBE, a gente acompanhou a chegada do PNBE Professores, PNBE Obras Complementares, a questão também do PNBE Dicionários, todas essas políticas públicas e também a elaboração de novos programas e projetos de leitura dentro do Distrito Federal, então, só que isso eram ações isoladas, eram ações que ocorriam pontualmente dentro dessa sessão com algumas parcerias com algumas entidades, como também a câmara do Distrito Federal de leitura, a câmara do livro, então na verdade eu participava dessa forma, como uma profissional, professora da secretaria de educação mas que estava envolvida nos programas e projetos de leitura dentro do Distrito Federal.</p> <p>A2- Que tipo de vínculo (efetivo, contratado, nomeado)?</p> <p>Sou efetiva, sou concursada desde 1995, desde que eu ingressei na secretária de educação.</p> <p>A3- Quais são as suas principais atribuições?</p> <p>Bom, até o ano passado, eu coordenava e executava, eu era responsável pela gestão das políticas públicas de livro-leitura e bibliotecas na secretária de educação. Então, entre 2011 a 2015, outubro de 2015, eu estive a frente da então gerência de bibliotecas e vídeos, depois gerência de bibliotecas livro-leitura, durante esse processo que realmente eu respondia oficialmente por essas políticas públicas, pela implementação, pela gestão, coordenação dessas políticas públicas.</p> <p>A4- Tem formação acadêmica e profissional neste domínio?</p> <p>A minha especialização de pós graduação foi com as questões de leitura interscriciótica (?) abordagem né? Como se dá a apropriação, as estratégias de leitura pelos alunos nas escolas, como é que os professores trabalham com essas abordagens e paralelamente, durante todo esse processo de convívio de leitura, a gente trabalhou muito próxima a escola de aperfeiçoamento de profissionais da educação, então a nossa gerência, mesmo antes de eu ser gestora ou gerente, eu fazia um trabalho de formação de leitura. Então, a despeito da especialização, antes mesmo da especialização eu fazia pesquisas, eu estudava, auto ditada né? Me tornei uma certa auto ditada estudando as publicações e fazendo formação de pessoas no campo da leitura com os profissionais de educação na AIA, com cursos da AIA.</p>
B	Criação e Finalidade do PNLL e do PNL
	<p>B1 – O que justificou a criação do PNLL e do PNL?</p> <p>Na verdade, o que que a gente observava dentro do Distrito Federal? Havia muito movimento em torno, muita vontade de se fomentar a leitura, então criava-se uma biblioteca, o professor que gostava muito de ler criava uma bibliotecazinha numa comunidade mais carente, juntava um acervo... A gente já tinha uma política durante todo o ano, trabalhava secretária de educação em parceria com a câmara do livro para a realização das feiras dos livros e essa realização da feira do livro ela era pensada e consubstanciada entre essa</p>

instituição e a secretária de educação. Então, durante esses eventos, nós tínhamos seminários, nós tínhamos oficinas de leitura e se pensava: a que público nós queremos atingir? Qual o professor que está fazendo cursos e que temática esse professor precisa estudar mais ou ser contemplado? E além disso havia também outras ações isoladas, de contação de histórias nos parques, de (...) que a gente recebia a gente fazia oficinas nas regionais de ensino, chegavam os periódicos, as revistas também do PNBE periódicos, mas assim, a gente recebia doações do IPHAN, a gente recebia doações do Instituto Terceiro Setor. Então, todas essas ações elas aconteciam espalhadas pela cidade, então houve-se, entendeu-se uma necessidade de reunir, de agregar todos esses esforços dentro de um plano que já existia, então a gente já fazia muitas das propostas, dos eixos propostos dentro do PNLL, do Plano Nacional do Livro-Leitura, mas a gente fazia isso de maneira desagregada, solta, sem ter locução às vezes dos setores que se empreendiam, então foi-se pensado que era necessário se reunir todos esses setores par uma conversa, para uma interlocução.

B2 - De que entidade partiu a iniciativa?

Eu considero que a iniciativa ela foi conjunta entre secretária de educação e secretária de cultura. A secretária de cultura como órgão responsável já vinculado ao Ministério da Cultura e o PNLL está ligado, automaticamente parecia-nos que ela tomou a iniciativa, mas quando você acompanha todas as discussões, todos os debates, fóruns realizados... essas ações elas foram simultâneas e correspondentes, não houve uma supremacia de uma secretária, na verdade caminhou muito junto essa discussão, debate. Agora, um movimento maior, até pelo número de escolas, pela questão estrutural da secretária de educação, o movimento maior foi dentro da secretária de educação em relação ao Plano do Distrito Federal do Livro-Leitura.

B3 – Quais são as finalidades do Programa? Que metas foram traçadas?

Bom, as finalidades é realmente fomentar, suscitar o gosto pela leitura, mais do que o gosto, mas que a gente tenha leitores críticos, porque, claro, a gente começa pelo gosto, pelo prazer, pela sensibilização, pela importância do livro, pela importância da leitura, não só de livros né, do texto impresso, do objeto estético livro, mas todas as outras formas de leitura e dos outros modos textuais, essa era nossa preocupação também de que o nosso aluno seja leitor, mas fundamentalmente de que essa leitura chegue de fato a escola, ao chão da escola e chegue ao aluno, que ele possa se beneficiar, pra que ele possa compreender o universo em que ele vive, ele traga seu horizonte de experiência, mas que esse horizonte de experiência possa ser ampliado por tantas outras leituras. Fundamentalmente a meta era de que nós estruturássemos o plano, claro, adquirindo, fazendo aquisição de obras, embora essa seja talvez dentro dos eixos as políticas públicas cuidem melhor né, com certeza é o segmento que eles cuidam melhor que é a aquisição de acervos, bons acervos com excelente qualidade, a gente também teve essa preocupação durante as feiras, as bienais, que eles fizessem essa aquisição, a gente encaminhava a orientação de que obras é que deviam ser adquiridas, como deveriam ser adquiridas, o antes, o durante, o depois, como é que nós vamos utilizar esse acervo, a meta era é essa, chegar até o aluno esse acervo e tudo mais, mas fundamentalmente a gente teve uma preocupação muito grande que é de: como vai chegar? Quem vai fazer a mediação? Uma vez que temos as estruturas das bibliotecas muito fragilizadas, com pessoas muitas vezes sem nenhum conhecimento, que foram pra lá por adoecimento, por problemas de saúde, então elas sofreram uma readaptação funcional, muitas vezes não tem perfil, então a grande preocupação também é de que esse plano desse conta de fazer a formação continuada desses profissionais, a gente entende que eles são profissionais da educação, podem sim contribuir, devem sim contribuir, mas a gente entende, por isso também a gente criou algumas estratégias, a gente procurou parcerias com o IFB, do instituto federal de Brasília, atualmente está acontecendo um curso que será de dois anos que não é específico, infelizmente a gente não conseguiu esse curso específico para quem atua nos espaços de

biblioteca, mas é um (...) meios didáticos com foco em biblioteca escolar, conseguiu inserir dentro desse curso alguns módulos específicos para quem atua nos espaços das bibliotecas escolares. Fizemos também em 2012 e depois em 2014 um curso de formação pelo EAC, mas um curso de poucas horas com os atuantes em bibliotecas escolares, para fomentar isso, pra discutir, primeiro as legislações referentes ao readetado, quais são seus deveres e os seus direitos, para que ele possa ter uma visão ecossistêmica da escola, entender que a escola é um universo que ele pode atuar nesse universo, de como ele pode contribuir com o aluno, que é o nosso fim né? Como ele pode contribuir pra que esse aluno venha a ser um grande leitor, embora muitas vezes ele mesmo não fosse. Foram cursos normalmente de noventa horas de aperfeiçoamento e muitas vezes um pouco até incipiente, mas que eles tiveram noção de como é uma biblioteca, qual é o papel da biblioteca escolar, que tipo de bibliotecas nós temos, minimamente como organizar o espaço da biblioteca, mas fundamentalmente como usar esse acervo que chega na biblioteca, qual é esse acervo que chega? Então foi feito também alguns documentos com esse acervo que chegava, mas estruturalmente o PNLL, ele atua nesses dois pontos, eu acho, dentro da secretária de educação. Começou-se sim durante muito tempo uma organização com a cadeia produtora, mas que eu tenho sentido que está um pouco diluído nesse momento uma vez que o documento ainda não foi assinado, ainda não existe, nesse momento, um pertencimento desse documento; as diretrizes, tanto na secretária de educação quanto na secretária de cultura sofreu uma interrupção, e vamos assim dizer, que as pessoas estão começando a reapropriar-se disso, tomar conhecimento mais amplo do que é o macro, porque são várias ações mas que estão nesse universo macro. Então a gente sente que até, vamos assim dizer, final de 2014, a estruturação do plano caminhava em torno dessas duas abordagens: a aquisição da obra, a discussão dessa obra, a orientação pra o uso dessa obra e formação do professor, do profissional. As outras estão estruturadas no plano, estão propostas no plano, as questões inter setoriais, está tudo previsto, tudo organizadinho, mas estruturalmente a gente sente que nesse momento houve uma certa interrupção para um novo entendimento do plano.

B4 - Que relação estabelece entre hábitos de leitura e promoção do sucesso educativo?

Eu tenho uma certa restrição ao termo hábito, porque hábito é uma coisa muito corriqueira, muito cotidiana e mecânica né? E eu acho que a leitura está longe de ser mecânica, se a gente for colocar a questão etimológica, o sentido de hábito, mas assim, a gente entende dentro do contexto o que se quer dizer com esse hábito de leitura.

Bom, o que eu observo é o seguinte, a gente sempre diz assim “ah se eu oferecer livro desde pequenininho” “se eu ler desde pequenininho, para criança e tudo mais, ele vai se tornar um grande leitor, um bom leitor”, eu acho que isso não é 100% correto, eu vejo que é mais abrangente, é um trabalho constante, é um trabalho mesmo de suscitar, eu acho que as coisas elas só acontecem pela sensibilidade, pelo gosto mesmo. O Elias José e o Boff, eles têm uma frase muito parecida que eu gosto muitíssimo. O Boff usou essa expressão em relação aos perseguidos politicamente, os exilados, as famílias, os sofrimentos; e o Elias José usou isso num livro que ele fala sobre a cultura africana, sobre o dos briôs, das famílias se reunirem em torno das fogueiras para contar histórias e para manter suas tradições. Essa metáfora, essa imagem eu trago pra questão da leitura, só se faz leitor realmente sucitando esse gosto, mas a gente não pode parar simplesmente na leitura pelo prazer, às vezes a leitura ela não é prazerosa, às vezes ela é muito difícil, eu senti muito isso por exemplo quando ia trabalhar Clarice Lispector com os nossos alunos, A Hora da Estrela, até sossegar a compreensão do que é a hora da estrela, que hora é essa, porque que a personagem Macabéia se chama Macabeia, porque ela só sabe chorar, porque que o narrador termina “pois é tempo de morangos”? Então assim, o que se percebe, é que o leitor incipiente, com um repertório de vivência pequeno, com horizonte de experiências pequeno de leitura, claro, na família, na escola ele vai ter muitas dificuldades o resto da vida para estudar, para ler e gostar de ler.

Então eu acho que não basta também, porque o hábito de leitura tem gente que ler as placas, tem hábito de leitura de placas, ele lê história em quadrinhos, ele lê receita, ele lê os filmes que ele assiste às vezes, e aí depende, quais são os filmes que ele assiste, quais dimensões são trabalhadas nesse filme, sociológica, ideológica, é metalinguística. Ele vai adquirindo um horizonte de experiências e por ali vai criando seu gosto. Agora, a diferença do papel da escola é que, aí é que tá, se eu sou um professor leitor, se eu conheço as estratégias de leitura, se eu entendo o seguinte, que existe o ler por ler que é o ver por ver, você ver e observa, tá vi e observei, mas eu vi e compreendi? Será que eu entendi porque nesse quadrinho, ora eu usei o fundo azulzinho, e depois amarelo e depois verde? Isso é mero enfeite, é mero adorno? Ou a forma, ela está relacionada ao conteúdo? Porque os bons textos, a forma trabalhada pra se levar o conteúdo, aí você pega os bons autores como Cecilia Meireles, nas suas poesias, com suas onomatopeias, com suas marcações rítmicas, que levam ao conteúdo, toda forma, um bom objeto estético, não só livro e eu falo da leitura, seja em filme, seja uma tela, qualquer obra que se dispõe a ler, qualquer texto que se dispõe a ler, pra se gostar de ler você tem que sentir o sabor, aí eu volto ao que Elias José diz e Boff diz: que a gente precisa soprar as cinzas da memória para manter a brasa acesa. Então assim, por mais que eu dê pro meu menininho da educação infantil uma leitura gostosa, prazerosa, nos anos iniciais, que é o que acontece muito, mas se eu não continuar fomentando, mostrando que não é ver por ver, que é ver por compreender, que é ler pra ter uma leitura crítica e eu não tornar esse aluno, essa criança, esse jovem, um leitor crítico ele não vai entender o papel dessa leitura e ele não vai sentir a necessidade. E aí eu acho que responde aos índices que nós temos nas pesquisas, que o aluno ler muito até os primeiros anos iniciais, terminou o período do ensino fundamental, quando ele ingressa na segunda etapa do ensino fundamental decresce de leitores e chega ao ensino médio sem ler. Porque? Claro, o grau de complexidade dos textos propostos na vida e na escola, o grau de dificuldade, de percepção, de análise é muito mais abrangente e vai requerer dele um horizonte de experiências. Então, na verdade, eu acho que o que falta muito na questão da mediação da leitura é subsidiar o nosso aluno de como ler, não é apenas o ler, ler, mas subsidiar como ler. Ele precisa compreender minimamente que cada gênero textual que existe tem uma estrutura e que você não lê uma notícia de jornal como lê um poema, você não lê um poema como você lê uma crônica, cada um tem uma estrutura, então é essa percepção que eu tenho em relação a essa questão, você até traz o gosto pela leitura de um garotinho, mas basta suscitar o gosto ou você precisa subsidiar esse leitor de elementos estruturais dos textos, seja o texto videográfico, o pictórico... ele tem que entender que existe elementos estruturantes e que ele precisa compreender esse universo e que está dentro de um contexto. A questão da leitura é contextualizada, é o universo em que se insere esse texto, ele tá num suporte? Porque que ele tá nesse suporte? Além dele está nesse suporte, se eu retiro ele desse suporte, ele perde sua função? Qual a função ele estando nesse suporte? Se eu retiro desse suporte qual é a função? E observar que as coisas estão num contexto muito mais amplo, muito mais abrangente, tudo na verdade, todo texto é um recorte que traz um ponto de vista, de quem escreveu, do emissor, mas que eu receptor tenho que captualizar esse texto. Essa questão da atualização requer inferências, requer intextualidade, porque tudo está escrito e aí vem Baquitin, que diz que todo texto é um moisco, Julia Cristeva que também diz que todo texto é um mosaico, nada novo e essa noção de que um texto é a releitura de tantos outros textos, muitas vezes ele não tem e isso não depende de gosto. Ele vai gostar se compreender o que está contido lá dentro, a gente só gosta – tem um verbo que é muito usado em Portugal, fiquei sabendo, mas que no Brasil a gente perdeu, a gente só usa o verbo saber no sentido de ter conhecimento, mas ele como verbo intransitivo, saber é ter sabor de, saber a, o pão sabe a alho. Então eu acho assim, a gente tem que saber o sabor do que a gente está lendo.

C1- Como se operacionalizou o PNLL/PNL? Que estruturas foram criadas?

Bom, o plano ele se estruturou, as estruturas basicamente as que existiam dentro da secretaria de educação, então, existia uma gerência de bibliotecas e vídeos, foi criada uma gerência de livro e da leitura, dentro da gerência de educação integrada, dentro da coordenação de educação integral, que agora é gerência. Dentro da coordenação de educação integral foi criada essa gerência do livro-leitura, paralelamente tinha a gerência de biblioteca livro-leitura, essas duas gerências se juntaram dentro da secretária de educação e fez a interlocução e diálogos com toda a estrutura da secretária a época. Então ela tinha, coordenações centrais, gerências centrais, e tinha essas coordenações intermediárias, então foi criado um grupo com essas pessoas dentro da secretária de educação. Paralelamente, dentro da secretária de cultura, eles criaram com a equipe interna deles, existia também uma subsecretária do livro e da leitura, lá existe uma subsecretária, existe, se não me engano, uma diretoria e uma gerência, a gerência eu tenho certeza, do livro e da leitura. E eles fizeram mais a questão da interlocução por meio de fóruns com a comunidade e nós fizemos com os representantes dos professores nas escolas, que são os nossos coordenadores intermediários. Então esses coordenadores intermediários foram chamados, tanto os coordenadores da política pública do livro-leitura e biblioteca, quanto os coordenadores das etapas e modalidades e as temáticas também, temáticas transversais, foram ouvidas pessoas que cuidavam dos direitos humanos, cidadania, diversidade, o que deveria ser contemplado, então essa foi basicamente a estrutura. Então haviam encontros inicialmente na secretária de educação, encontros quinzenais, depois a medida que as discussões foram amadurecendo, e assim houve várias orientações por escrito para esses coordenadores convidarem os coordenadores locais das escolas para ouvi-los também. Então tudo era compartilhado com os coordenadores locais, por meio dessas coordenações regionais de ensino, foram feitos roteiros, na verdade melhor do que roteiros, como se fosse um relatório da política pública e era preenchido esses relatórios e a partir desses relatórios foram se compilando os dados e sistematizando esses dados. Então, depois em determinado momento, a gerente de biblioteca também se reuniu separadamente, assim como a gerência do livro e da leitura se reuniu separadamente para discutir alguns aspectos mais específicos, como, a questão dos livreiros, a questão da cadeia produtiva, eles fizeram encontros pontuais, enquanto a gerência de biblioteca cuidou mais especificamente dos pontos atuantes de biblioteca, com os coordenadores intermediários das bibliotecas para estruturar mais o eixo 1, basicamente. Então, houve momentos em que se juntavam e outros momentos havia ações específicas por cada uma dessas gerências. Mas, dentro de um padrão, foram essas duas gerências que sistematizaram, as pessoas e a equipe responsável que sistematizaram, dentro desse GT mais amplo que convidava as pessoas em todas as regionais de ensino e os coordenadores do nível central. Sistematizado, a gente se reunia com a secretária de cultura, muitas vezes houve ações conjuntas como foi o seminário em 2002, esse grande seminário foi um chamamento que trouxe os atuantes em bibliotecas, professores, gestores e os coordenadores das regionais de ensino também participaram, esse encontro ele contou com a presença em torno de 600 pessoas, foi talvez o que a gente tenha conseguido em conjunto agregar mais, depois a gente foi fazendo mais pontualmente nas 14 regionais de ensino os diálogos e as conversas e nesse seminário foi quando se lançou a ideia do plano do Distrito Federal do livro e da leitura e já se apresentou um esboço, em torno do que era, quais eram os eixos, os quatro eixos, como é que isso ia se estruturar dentro da secretária de educação e aí a gente foi criando um documento junto então, como eu te coloquei, com as regionais elas intermediando a interlocução com as escolas e depois a gente se reunia com a secretária de cultura e fazia as discussões, o que fica, o que não fica, como melhorar isso, o que tá faltando e foi fazendo esse conjunto.

C2- Quais são as suas atribuições e qual seu âmbito geográfico?

Agora, nesse momento, eu estou na assessoria da coordenação de políticas educacionais para etapas, modalidades e temáticas especiais de ensino. Eu trabalho com assessora da coordenação, da coordenadora que é a professora Elia Janet, ela coordena dentro da secretaria de educação as questões dos chamados eixos transversais, temas integradores, então essa coordenação ela tem quatro diretorias e eu sou responsável pelo trabalho de fazer as diretrizes pedagógicas e as interlocuções pedagógicas entre essas quatro diretorias. Uma diretoria é a diretoria de educação especial, as grandes polêmicas da secretaria de educação estão concentradas, agregadas, reunidas dentro dessa pasta. Então, nós temos a diretoria de educação especial, nós temos a diretoria de educação integral, ambiental, educação patrimonial, os CILS, que são os Centros Interescolares de Línguas, que nós temos aqui no Distrito Federal, essa especificidade, as escolas elas contam em algumas regionais de ensino, nove se não me engano, regionais de ensino com os centros interescolares de língua que o aluno do ensino regular pode fazer um curso específico em língua estrangeira, seja francês, seja inglês, seja espanhol... alemão. Então nós temos nove regionais de ensino que possuem, sendo que o Plano Piloto tem duas, essas línguas. Então fica nessa diretoria, diretoria de educação integral, ambiental, fica aqui nessa diretoria a orientação educacional e também educação física e desporto escolar. Segunda diretoria. Terceira diretoria, diretoria de educação do campo e eixos transversais, que cuida, além da educação do campo, dos temas controversos, dos temas dos direitos humanos, educação em e para os direitos humanos, educação para diversidade, educação para as questões sócio educacionais, está nessa diretoria. E a outra diretoria é a diretoria de mídias e conteúdos digitais, que tem o canal educativo, que tem a informática educativa e que tem a GBLL (gerência de biblioteca livro-leitura) que tem um acervo videográfico e o acervo impresso, a secretaria e as políticas públicas está nessa gerência. Então, qual é o meu papel nisso tudo, é ajudar a coordenação a ver todos esses programas, todos esses projetos, todas essas políticas públicas e fomentar essas políticas públicas e executar essas políticas públicas, e meu papel é mais pedagógico embora muitas vezes a gente faça coisa administrativas também né, ações administrativas, atividades administrativas, mas a gente ajuda a pensar essa política pública.

C3- Como se articulam e que processos/instrumentos existem para a sua coordenação?

Como coloquei pra você, nesse momento houve, essa coordenação está se reapropriando, até porque não era essa estrutura anterior, eu acho que, eu me esqueci de falar disso, a gerência de biblioteca livro-leitura, que o programa estava vinculado diretamente a essa gerência, ela esteve dentro da subsecretaria de educação básica até 2011, 2012 ela foi pra uma outra subsecretaria, subsecretaria de modernização e tecnologia e a gerência de livro-leitura ficou na subsecretaria de educação básica, posteriormente, em 2014, ela veio novamente pra SUBEB, 2015 ela volta pra SUBEX, subsecretaria de modernização e tecnologia, e agora, 2016, final de 2015, 2016, em outubro de 2015, ela e como toda a diretoria a qual ela pertence, voltou pra SUBEB, e está vinculada então a essa coordenação de políticas educacionais dentro da SUBEB. Então, com essa reestruturação no final de outubro do ano passado, os papéis meio que se perderam, os papéis não ficaram tão definidos pra quem chegou, então nesse momento é um período mesmo de apropriação, de reconhecimento do que é esse programa, do que que é esse plano, de como ele se dá, onde ele está contextualizado dentro da política pública, porque na verdade ele está contemplado dentro do plano do PDE (plano do Distrito Federal de Educação), então ele está posto e também no regimento das unidades que a gente conseguiu publicar no início desse ano. Então ele foi discutido o regimento o ano passado todinho, durante o ano passado então a gente conseguiu colocar dentro do regimento das unidades escolares da secretaria e o PDE também, que nós concluímos ano passado, a gente conseguiu colocar o plano do Distrito Federal nessa perspectiva. Então estruturou-se dessa forma, então a época, já não existindo mais as duas gerências.

C4- Quais foram e são as principais entidades parceiras no Plano? Que importância elas tiveram no processo de implementação? Que importância têm no desenvolvimento de projetos e atividades?

As entidades parceiras foram a Secretária de Cultura, que na verdade é a grande responsável na verdade, se a gente for refletir e estruturalmente é a responsável, além dela nós tivemos, como eu coloquei muitas vezes a parceria da Câmara do Livro do Distrito Federal, além da Câmara do Livro, a gente tinha muitas parcerias com as editoras também, muitas fomentavam, auxiliavam a publicação de folders. Então assim, embora não estivesse instituído o plano e tudo mais, embora o plano não tivesse sido oficialmente instituído a gente convidava e houve momentos assim de muita aceitação por parte dos livreiros do Distrito Federal, então assim, nós tínhamos muitas editoras parceiras, que contribuíam para a publicação de folders dos eventos, das oficinas, dos cursos, então eles participavam muito para a confecção de banners dos eventos, das atividades, então a gente pode dizer que nós temos os livreiros do Distrito Federal, a Câmara do Livro, a Secretária de Cultura e a época também foi a secretaria da Criança, Secretária de tecnologia, essas secretárias todas... secretária da mulher, então todas essas secretárias elas foram ouvidas e foram convidadas a participar, a UniB às vezes, porque muitas ações voltadas para leitura aconteciam, haviam rodas de conversas, griot, por parte da secretária da diversidade, então essas instituições todas elas foram convidadas a participar da discussão, dos debates, e aí nesse momento era com o GT da Secretária de Cultura. Então, a sociedade civil ela estava representada, pelos seus órgãos, pelas suas instituições mas também pelas secretárias do próprio GDE do Distrito Federal. Agora, eu não tenho de memória todas as secretárias, mas eu lembro bem da secretária da criança e da juventude, eu me lembro muito bem além da câmara do livro, outros órgãos como a Câmara Eluiz Nativa, além da Câmara Eluiz Nativa, ABDF, que é a associação dos bibliotecários do Distrito Federal, o Conselho Federal de Biblioteconomia, durante um tempo também o Conselho Regional de Biblioteconomia participou, pouco tempo mas participou. Pelo que eu to me lembrando agora são esses parceiros assim, a gente vai se distanciando e às vezes se esquece, se eu esqueci, perdão. Bom, qual importância que eles tiveram nesse processo de implementação, na verdade as ações práticas de fomento, foi muito realmente muito realizadas dentro da secretária de Educação e dentro da secretária de cultura, mas por exemplo, durante as bienais, durante as feiras, eles ofereciam essas parcerias principalmente com atividades culturais, atividades de leitura, atividades de artesanato, de palestras, de oficinas, então esses parceiros, criou-se inclusive, a gente criou inclusive uma agenda de atividades culturais, atividades de discussão de temas, de abordagens de temas diversos e reunindo o que que era proposto pela secretária da criança, pela secretária da mulher, o que que ela tá ofertando, onde vai acontecer? Vai acontecer nos espaços das bibliotecas, a gente tem as bibliotecas públicas, então muitas dessas atividades aconteciam nas bibliotecas públicas, por exemplo do Núcleo Bandeirante, mas quem eram as pessoas convidadas, qual era o público alvo? Professores, alunos? E aí então entrava, a secretária que estava oferecendo a oficina, fosse ela da mulher, fosse ela da juventude, a coordenação regional de ensino, que também eram nossos parceiros, que pertence a secretária de educação mas nesse momento da realização das atividades estavam sempre presentes e aí eram convidadas as escolas para levar os alunos para participar dessas rodas de conversas, dessas palestras, dessas atividades, de mostra de arte, de discussão de vídeos. Então na verdade criou-se uma rede, então nós tínhamos assim visualmente a gente tinha o planejamento anual das atividades que as secretárias iam ofertar, qual era o público alvo, qual era o objetivo e aí a gente ia fazendo as interlocuções com exatamente as escolas, as unidades escolares, com as etapas e modalidades que deveriam ser contempladas. Teve também assim, muitas exposições, Museu da República ou em outros espaços também, no CCBB, o espaço cultural do Banco do Brasil, eles não participaram ativamente, mas assim,

havia ofertas de algumas atividades e também... Então na verdade criou-se uma rede do que estava acontecendo e as atividades eram desenvolvidas e ofertadas principalmente para alunos e para as escolas da Secretaria de Educação. Então eu acho que a importância, principalmente disso, é porque criou-se essa rede, foi possível visualizar dentro do plano o que estava acontecendo para fomentar diversos tipos de leituras, de diversos suportes textuais e as diversas abordagens e temáticas que estavam sendo discutidas, acho que a grande importância foi isso, que a gente conseguia visualizar isso.

D	Implementação do Plano (recepção da medida nas bibliotecas públicas e escolares e nos atores, potencialidades, problemas)
---	---

D1 - Que projetos/ programas foram desenvolvidos pra a implementação do PNLL /PNL?

Eu acho que o cabe assim dizer, quer dizer, a gente passou a coordenar por exemplo a Olimpíada de Língua Portuguesa, que eu não mencionei antes e está hoje dentro da GBL. Olimpíada de Português pra mim hoje no país talvez represente... é um dos maiores portais para a formação do professor, para formação do educador, para qualquer leitor, mesmo não sendo educador, se você quiser entender de gênero textual, se você quiser saber o que que é uma sequência didática, leitura vai, escrita vem né, é um curso de 30h, mas extremamente com fonte bibliográfica fantástica, com uma proposta metodológica maravilhosa e que você pode ser seu próprio, você pode não, você é auto ditada, porque não tem mediador, eles não tem... os cursos são online, muitos deles são online OLP, mas esse ele não, o próprio programa vai fazendo a interlocução, não tem um mediador pra te dizer, “olha isso você vai fazer isso e tal tal...” Lá dentro tem vídeos, lá dentro tem planos de aula, assim quer dizer, são materiais riquíssimos, programas riquíssimos que estão dentro da proposta de leitura, dentro da formação do professor que foi agregado justamente a gerência da biblioteca livro-leitura por isso, porque a gente precisava de alguma forma ajuda, porque nem sempre a gente consegue alcançar todo mundo e como existe a possibilidade de ser online facilitaria muito e facilitou muito, e foi possível então a gente trazer, a gente trouxe a OLP, que ela estava desvinculada, ela estava dentro da COEIF, que é a coordenação de ensino fundamental e a gente trouxe pra agregar as questões da leitura. Então o que antes, eu não vou mencionar de novo os programas nacionais que a gente trabalha. Agora dentro da casa, a gente um projeto muito antigo chamado Caixa Estante que é um móvel, tem rodízio, que a secretária adquire um acervo e manda pras escolas pra ela sair lendo e tal tal, esse é o projeto mais antigo da secretária de educação e infelizmente nesse momento a gente está muito tempo sem aquisição, a gente tentou, fez os planos de aquisição dentro da secretária, fez as atas pra aquisição e a gente não conseguiu renovar nem o acervo e nem o móvel porque ele passa a ser patrimônio da escola, não os livros, mas o móvel passa a ser patrimônio da escola e a gente vai renovando o acervo, só que assim, desde a última aquisição do móvel, foram inauguradas muitas e muitas escolas, então a gente tem hoje em torno de 330 poucas caixa estantes, enquanto a gente 634 escolas, então assim a gente tem uma defasagem aí, claro que algumas gostando do projeto mandaram construir o móvel e tudo, e o acervo a gerência fornecia, mas a gente tem um projeto que está tentando novamente, a equipe lá está tentando revitalizar, mas ele tem um subsídio pedagógico, uma orientação de como usar, o que que é o projeto, e tem a análise de alguns livros, sugestões pra trabalhar com os livros e tudo, e normalmente quando a gente dava os cursos, a gente também tem um curso dentro da EAP, com as oficinas pedagógicas chama A Arte de Contar Histórias, então, foi outra que eu me esqueci de dizer, que somos parceiros na estruturação disso. A oficina pedagógica ela participou muito também nessa construção, então nesse ritual de contar histórias eles tem os encontrões, durante esses encontrões projetos eram apresentados, e como pode ser utilizado na escola, a gente fazia a divulgação e também mostrava o acervo, como pode ser usado, levava folder e tudo mais, então tem esse projeto. Tem um projeto chamado Painele Folclórico muito, muito mimoso, que é uma maletinha, malinha de caxeiro viajante mesmo e dentro tem CD, DVD, adivinhas, adivinhas mesmo soltinhas pra fazer jogos,

joguinhos que remetem a cultura popular, o folclore e livros obviamente, se é um projeto de leitura tem que ter livro, então tem livros, tem um grande painel de tecido confeccionado artesanalmente, com o boi bumbá, com o bumba meu boi, pra por na parede, pra fazer... que é muito mimoso, não tem um pra cada escola mas tem na quantidade de 50 e que é feito um empréstimo, as escolas levam e são itinerantes, esse projeto é da casa, é da GBL. Tem um projeto que a gente, o Brasil um país plural e que a secretária ia recebendo alguns acervos sobre a lei 10693, sobre a questão do ensino da história, da questão da diversidade, da cultura afro, indígena e tudo mais, e ficava solto, mandávamos, mandávamos, recebemos por exemplo 30 anos de arte de igualdade racial, aí mandamos para várias escolas, fizemos formação, fizemos oficina. E ainda não falei do Circuito de biblioteca, outra ação, que é não é um programa, mas que é uma estratégia utilizada. Então, O Brasil é um País plural reúne, ele reúne dentro de uma cesta materiais relativos a essa temática, então tem livros, livros de charge, livros teóricos, livros de projetos sobre o assunto, CDs, DVDs, o material Da Cor da Cultura que está lá dentro foi agregado que a gente recebeu uma doação de uma ONG que fechou, então porque como as escolas receberam A Cor da Cultura, a gente ficou com um só para empréstimo, para acervo, mas depois a gente conseguiu por via de uma ONG esse material e a gente congregou e reuniu tudo isso em um kit só, e chamou de Brasil um país plural, que também é empréstimo pra escolas, com orientação também pedagógica, tem um pouquinho de cultura tiguana, pouca coisa mas tem, que é uma publicação. Mas enfim, esses são os três projetos que estão na casa, agora existem outros n programas que estão aqui nessa coordenação mas que ainda não conseguiu, como eu te disse, pela questão da fragmentação novamente, pela mudança estrutural, a gente não conseguiu congrega de novo ainda, estabelecer a interlocução de como isso pode ser, a gente está começando a fazer isso. Por exemplo, recentemente outros parceiros que eu esqueci de falar, mas a gente tem os parceiros indiretos, que não participou da estruturação do plano, mas que por exemplo, fomentavam contribuindo com material. O IPHAN, a Ancine, o ITS que é o Instituto do Terceiro Setor, a gente fez muitas parcerias com o Instituto do Terceiro Setor, como publicações, como mercados de ferro, que boneca é essa, 30 anos de arte pela igualdade racial. Agora pelo IPHAN, por exemplo, a gente recebeu Gabriel em Brasília. Então todos esses materiais... agora mesmo estamos recebendo esses da embaixada da Espanha e normalmente quando se trata de um material de muito boa qualidade não chega na escola por chegar, não é meramente uma logística. Então, são vários parceiros que às vezes eu vou... agora no momento posso me esquecer de algum, mas assim, então, na verdade as estratégias fundamentais foi realmente estabelecer interlocução com esses vários parceiros e tentar fazer sempre essa articulação com esses diversos parceiros durante o... na disseminação do material, na formação... como eu falei pra você a gente está tendo formação com o IF, a gente fez formação junto com a EAP, junto com as oficinas pedagógicas, ora por meio de oficinas, ora por meio de cursos.

D 2 - Quais são os seus objetivos específicos e eixos de intervenção?

A gente aqui no Distrito Federal, não sei se na Bahia é assim, a gente tem um problema muito sério de defasagem idade-série, então a gente tem muitos problemas nesse sentido, jovens que já estão com idade avançada e não correspondente a sua idade escolar, então, todo... claro que não foi somente pra isso, mas especificamente essa foi uma das coisas que no nosso horizonte, na perspectiva a gente vislumbrou, de que forma o plano pode contribuir, então muitas vezes, por exemplo, as equipes que cuidavam dessa distorção idade-série, ou a educação infantil por exemplo quando ela começou a ser mais implementada, a política pública da educação infantil, as suas diretrizes com, então essas interlocuições aconteciam internamente e aí a gente observava qual enfoque era mais importante, realmente era chegar a esses alunos, realmente é chegar a essa escola, e aí por isso que a gente realizou muito o Circuito de Biblioteca, biblioteca escolar no espaço de aprendizagem, é o nome do Circuito, então esse circuito ele acontecia ora em polos, às vezes em seis polos reunindo as regiões circunvizinhas, ora uma em cada regional

de ensino e aí varia de ano pra ano e pra fomentar tudo isso, para discutir tudo isso, para mostrar como é que: você está recebendo um acervo de dicionários, nós estamos com alunos com problemas de defasagem, como é que esses dicionários podem contribuir, como é que esse acervo pode contribuir, como é que o acervo da bienal pode contribuir e a gente organizou muitas vezes o que que cada, como os programas nacionais são alternados ano sim, ano não que se recebe, a gente organizava muito isso, esses documentos para quem estava chegando, entrando nas bibliotecas vislumbasse isso, quem está recebendo o que esse ano, pra que eles pudessem acompanhar na ponta tudo isso. Então, as estratégias na verdade da implementação do plano, embora ele não tivesse oficializado, foram sendo elaboradas, exatamente a partir do olhar e das pesquisas que nos eram apontadas da secretária de educação, o que era necessário, onde nós temos que atuar melhor, quem deve ser contemplado.

D 3 - Quais são os seus destinatários e que entidades os atores os promovem?

Os destinatários são os alunos, é a escola, o estudante e também a comunidade. Assim, a gente sempre incentivou, principalmente dentro da questão da educação integral, outra demanda que não falei, eu falei da idade-série, mas a integral ela fez com que a gente repensasse também essa questão dos tempos e espaços, então de propostas de leitura, de programas de leitura, de projetos de leitura, houve inclusive dentro de uma portaria da secretária de educação a destinação de um percentual pequeno, mas pra aquisição de acervo pras salas de aula, durante um certo tempo, então dentro do PEDAF foi instituído isso na portaria, depois assim, uma conversa nossa com o PEDAF era de que essa portaria fosse revista e na verdade não colocasse pra sala de aula, porque a gente avaliou que o acervo excluía muito internamente, então a gente acabou solicitando mas isso a gente não conseguiu, houve uma restrição no recurso financeiro e a gente não conseguiu. As entidades, os atores eu acho que também já mencionei, agora a gente percebe que se não houver um envolvimento do professor e de quem atua nos espaços de biblioteca com certeza não se efetiva, não chega a quem tem que chegar. A gente vai pra, e aí eu acho que uma das estratégias melhores que a gente utilizou foi nesse curso de contar histórias e essa elaboração, eu estava até falando com uma menina, a Odanei, é até ela que estruturou o projeto, começou com ela, Iva e a gente lá na gerência de bibliotecas e nas oficinas pedagógicas e ela deu continuidade a isso junto a EAP e nesses encontrões, embora seja só a arte de contar histórias não é só prática, é teoria também, então se estuda, então tem todo um referencial teórico, tem os textos pra consulta e tenta se fomentar isso junto ao professor e junto a quem atua nos espaços das bibliotecas para que realmente atinja, pra que chegue. Agora o momento que a gente sente que chega mais, que há um movimento maior, geralmente foi durante a feira e as bienais quando você vê os alunos chegando com o professor, escolhendo, fazendo opção, claro que muitas vezes o professor já chega com a lista pronta, mas muitas vezes eles o faz porque como tá só uma representante e os alunos não estão todos, eles também ouviram um lá na ponta, ou então ele escolhe um por conta própria dele mesmo sem fazer essa consulta, questão democrática. Eu estava lembrando também que às vezes, quando falou de editoras, tem uma editora que ela faz um trabalho muito bacana, é ruim a gente ficar citando, eu vou citar o projeto, não vou citar a editora, então a gente tem alguns projetos, Banco do Brasil também, com seus materiais, projeto memória, essas coisas todas, FAC e aí vai... A gente vai falando e vai lembrando (rsrs). Tem uma editora que ela fez alguns trabalhos com alguns grandes mestres da literatura, então Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, então assim, a gente fazia essas parcerias, principalmente a gerência do livro e da leitura fez mais especificamente essas parcerias com essa editora e fazia, elas patrocinavam o lanchinho, o café, o almoço dos professores, então eles vinham e tinha tudo pago e para fazer uma formação com por exemplo, a obra, aí falava-se um pouco da biografia do artista mas também falava-se sobre as teorias literárias, em que contexto ele estava inserido e tudo mais e uma grande exposição desses materiais. Então essas exposições elas ficavam itinerantes, iam pras regionais, fazia visita.

D 4 - Pode identificar os aspetos mais significativos da implementação deste Plano?

Bom, eu acho que já te disse. Eu acho que o aspecto mais importante é estabelecer a rede de leitura, a rede de ações, de iniciativas que são dispersas, estão em todos os cantos, em todos os lugares e o plano ele permite isso, haver uma integração.

D 5 - Como foi recebido e apropriado pelas entidades/atores que o promovem? (solicitar centramento especial nas bibliotecas municipais e escolares)

Com certeza, durante por exemplo, o circuito de biblioteca, o que a gente ouvia sempre era um depoimento positivo, principalmente “alguém está pensando” “alguém está nos ouvindo” “nós temos tais e tais problemas”, aí coloca aqueles milhares de problemas, mas a aceitação do plano é muito positiva, claro que houve divergência de pontos de vista, tem por exemplo, aqui em Brasília tem um problema muito sério, a gente tem muito escritor, ilustradores, a gente tem um grupo, e às vezes eles são muitas vezes militantes, a gente tem algumas academias, academia de letras e tal, tem autores e autores, escritores e escritores e alguns se intitulam como tal, mas de qualquer forma... então eles fazem publicações independentes e durante essas feiras eles sempre tinham um espaço, um stand para exposição, para apresentar seu trabalho, eles contratavam também contadores de histórias às vezes para divulgar o seu trabalho, enfim. Então tudo isso, por exemplo, eles queriam ir pra escola divulgar, então quem estava lá na ponta teve mais facilidade de saber quem são os contadores de história, quem são os escritores que nós temos, quem eu posso chamar pra fazer essa contação de história na escola, pra falar sobre tais assuntos na escola, foi muito bem recebido, eu percebi, a gente percebia, não só eu mas todo mundo percebia que essa aproximação, o fato é que começou a chegar, houve um desencadeamento, houve um encadeamento de ações que desencadeou lá na ponta, então a receptividade foi positiva. O que foi negativo, que eu ia te falar, é que muitas vezes esses chamados autores não se sentiram contemplados, ou não foram chamados para a discussão, queriam interferir, também rixas entre cargos, enfim, essas coisas. Essas particularidades que sempre existem por questão de interesse, exatamente (entrevistada concordando com a fala do entrevistador).

D 6 - Como foi recebido e apropriado pelos destinatários? (solicitar centramento especial nos alunos)

Pois é, essa estimativa a gente nunca fez, essa pesquisa a gente nunca fez. Como isso chegou para o aluno? Como ele recebeu isso? Não houve tempo pra isso, então a gente não conseguiu mesmo. O máximo que a gente conseguiu foi ter algumas devolutivas do que foi feito com o acervo adquirido nas feiras, e aí a gente teve alguma devolutiva, de algumas escolas e não de todas. Então essa é uma coisa bastante difícil dentro da secretária para identificarmos.

Ou seja, isso tudo estava inserido dentro de algo maior, mais abrangente (sobre o parênteses aberto do entrevistador). Se você conversar com os alunos aqui eles também não vão saber e muitos professores também, porque muitos a gente não conseguiu atingir, eu não consigo nem precisar a porcentagem do que a gente atingiu. Agora, houve essa tentativa, que houve esse esforço...

D 7- Quais as maiores dificuldades enfrentadas na implantação do Plano? E quais as maiores dificuldades enfrentadas na manutenção do Plano?

Eu vou dizer o seguinte, eu só considero que houve implementação na medida que foi legalizada, que foi oficialmente registrada. Então acho que nós implementamos ações, as ações estavam implementadas, estavam articuladas, mas oficialmente não estavam legalizadas, então legalmente o plano não existe, ele existe teoricamente, ele existe estruturalmente, ele existe pensado, escrito, redigido, mas ele não existe de fato. E a dificuldade de manutenção está aí, porque se eu registro, se eu instituo, instituiu ele tem que acontecer, pode não se conseguir na abrangência que foi durante o momento, estabelecer essa rede imensa, porque os atores mudam, mas a necessidade da instituição é fundamental para a manutenção. Algumas sobreviveram exatamente porque algumas pessoas continuaram, determinado ator continuou,

conheceu, deu sequência e outras estão instituídas num plano maior de gestão pública nacional, então na verdade é sempre um recomeçar, por exemplo, a interlocução com a secretaria de educação e com a secretária de cultura para uma próxima feira do livro, uma próxima bienal, está sendo reconstruído porque não houve a instituição. Porque não houve de fato a implementação.

E	Monitorização, avaliação e financiamento
---	--

E1- Há monitoramento das atividades do Plano? Com que meios e como se processa?

Como eu disse pra você, há monitoramento neste momento dessas ações pontuais. Porque é bastante diversificado, bem variado. A época, como eu disse pra você, a gente fazia relatório, a gente fazia escuta, a gente criava, por exemplo, a gente criou muito lá na gerência de bibliotecas alguns formulários, esses formulários eles iam para os atuantes em bibliotecas, para preencher, pro gestor da escola preencher, recebeu o acervo, o que você está fazendo, como você está fazendo, então tinha essa estratégia de monitoramento. E durante também o circuito de biblioteca onde a gente fazia pontualmente essas discussões e condessava essas informações. Tanto que a condensação dessas informações resultou nos argumentos necessários para a gente fazer a portaria de modulação de biblioteca, a gente viu quais são as atribuições de quem tá aqui, “ah, mas eu não sei o que que eu tenho que fazer, não está em lugar nenhum”, então saiu no regimento e vai sair na portaria. Essa devolutiva, geralmente mais por via online, por formulários, ou formulários escritos, mas também durante o circuito de bibliotecas, foi uma forma de como organizamos a informação internamente dentro da secretária de educação. Agora, outras escutas elas foram se perdendo, por exemplo, com as coordenações, a gente estabeleceu com a Coeja, com a educação infantil sobre esse material, como está sendo utilizado o material da educação infantil que foi feito um kit específico pra eles, isso a gente tinha essa interlocução mais próxima, mas algumas não, foram se perdendo. Então a manutenção hoje eu acho que ela está muito frágil. Muito frágil. Essa interlocução pra ver os resultados, pra acompanhar, avaliar...

E2 - Há recursos destinados especificamente para o PNLL /PNL?

Então, essa questão da verba do PEDAF, da porcentagem, foi algo previsto nas discussões no plano, então já foi uma ação. Também as verbas para aquisição de livros nas bienais, feiras do livro e tudo mais, também é uma discussão de aquisição. A gente fazia a previsão, foi feita a previsão, foi feita a previsão dos recursos para aquisição da caixa estante, do acervo da caixa estante, do acervo das bibliotecas, computador, seja pelo PAR, seja por outras, computadores para as bibliotecas, então tudo isso fazia parte da estruturação da infraestrutura das escolas. Mas esses recursos financeiros realmente não foram aprovados. Os documentos foram encaminhados para recursos financeiros, para por exemplo, mobiliário para as bibliotecas, infraestrutura de biblioteca, tudo pra biblioteca foi pensado, estruturalmente tudo isso foi pensado, pra acervo, foi encaminhado, mas não houve recurso financeiro, não houve aquisição, mas foi pensado.

E3 - Qual a metodologia utilizada para avaliar o PNLL /PNL?

A gente chegou a elaborar formulários de avaliação envolvendo as várias secretárias e tudo, mas como eu disse pra você, como não houve a implementação, se perdeu. Se perdeu, está guardado, está aguardando (rsrs).

E4 - Qual é a fonte de financiamento do PNLL/PNL? Considera o financiamento adequado?

A fonte de financiamento são, no caso, por exemplo, para infraestrutura das bibliotecas a gente pensou no PAR, alguns recursos que eles liberam para aquisição... por exemplo, houve uma liberação de um recurso para aquisição de obras para o sistema prisional, para as escolas do sistema prisional. Então, a gente busca tanto brechas nos programas nacionais, no MEC, Ministério da Cultura, a gente conta com esses recursos, por exemplo, foi realizado um circuito de feiras em algumas cidades, algumas que eles chamam de região administrativa (RAs), então foram realizados alguns circuitos com esse recurso do Ministério da Cultura e

no planejamento das gerências a gente tem o plano Plurianual, o plano de metas e tudo, e nesses planos a gente prevê a necessidade, coloca verbas para as caixas estantes, por exemplo, painel folclórico, a gente foi prevendo, pra maleta a gente conseguiu, pro restante a gente não conseguiu não, foi doação, foi campanha e tudo mais. Mas são essas estratégias. Eu acho insuficiente. Porque se a gente tem que fomentar formação, acaba que o recurso ele vai muitas vezes para aquisição do acervo, acaba que ele não atende nunca a questão de infraestrutura das escolas, e isso é importante, é fundamental, uma biblioteca estruturada, uma biblioteca adequada, até pra conservação do acervo, que a gente sabe, questão de luminosidade, de umidade, tudo isso e não é adequado. Era necessário sim destinasse recursos financeiros específicos para implementação dos eixos e aí cada eixo tem a sua necessidade, porque o eixo prevê também a infraestrutura e essa infraestrutura eu acho que é um dos aspectos preponderantes dentro dessa política pública.

F	Avaliação Global e Resultados (mudanças observadas, efeitos)
---	--

F 1 - Como avalia o desenvolvimento dos referidos programa, nomeadamente ao nível:

F1.1 - Do impacto na promoção de hábitos de leitura e da igualdade de oportunidades educativas.

Eu acho que perfeito não existe, mas eu acho um plano muito bem elaborado, muito consistente, muito pertinente, muito articulado e se ele acontece de fato, em cadeia, em rede, ele tem tudo pra dá certo. Aqui dentro dessa coordenação, toda hora chega um circular, circular para o dia disso, circular para o dia daquilo, circular para política pública da água, circular para política pública pra semana pra vida, água, direitos humanos, é tudo muito próximo, está tudo interligado, é tudo muito transversal, então essa transversalidade ela precisava acontecer, de uma forma da interdisciplinaridade, mas então essa transversalidade do projeto, ela permitiria chegar aonde tem que chegar, ela precisa acontecer e aí sim o impacto vai ser muito positivo, na questão a proficiência da leitura, vamos assim dizer, a questão da proficiência a leitura que tanto a gente fala.

F1.2 - Da participação das entidades/instituições nacionais, federais e municipais?

Houve uma aproximação durante a elaboração com o link, com o Ministério da Cultura, até porque ele fica aqui e a gente ia pra lá, mas assim, substancialmente ele junto com a gente eu acho muito distanciado, eu acho que esse fomento por parte deles mesmo é meio incipiente, porque se eles articulam isso e começa a cobrar dos governos, no caso nosso o governo do Distrito Federal, automaticamente o governo vai gerar essa demanda, para a secretária de cultura, para a secretária de educação, pros entes envolvidos, então eu acho que há um silenciar, está posto, o plano é pra ser cumprido, a lei 12244, mas não há uma fiscalização, não há um acompanhamento mais próximo e que a gente ver isso nas políticas públicas em geral. Principalmente do livro, a gente vê isso muito.

F1.3 - Da adesão das bibliotecas municipais e escolares, dos professores, dos alunos?

Foi o que eu te disse, durante o processo, o fomento, a adesão é positiva, todos querem porque é uma esperança que haja essa transformação desse espaço, de que esse espaço ele seja efetivamente um espaço de aprendizagem, um espaço de fomento a cultura, a arte, a leitura, que ele cumpra minimamente seu papel, que deixe de ser sucateado, que deixe de ser um depósito, um espaço às vezes do castigo do aluno, então quer dizer, a gente sentiu por parte desses participantes muita esperança, mas também muita decepção a partir do momento de que a gente dizia, olha estamos fazendo isso, isso e isso, estamos buscando isso, isso e isso, eu ia pros encontros de bibliotecas mas eu já chegava e dizia assim, olha estou fazendo isso aqui, eu não estou prometendo, eu estou dizendo, não estou prometendo que vou conseguir porque não depende só de mim, eu estou dizendo que nós vamos correr atrás, isso aqui é pra subsidiar os documentos que vou escrever, que vou encaminhar, agora eu não posso dizer que amanhã você vai ter um computador na sua biblioteca, eu não posso dizer que amanhã você vai ter uma mesa redonda como você gostaria, que você vai ter esse acervo,

com essa temática, eu posso dizer que nós vamos lutar, então quando você voltava no ano seguinte e dizia assim: “não foi aprovado os computadores pelo PAR! O que que aconteceu?” Havia cobrança, natural, é um processo natural, e angústia, desespero. Então assim, as energias se arrefecem, e aquela história, de soprar as cinzas da memória e deixar a chama acesa. Pra não esquecer. Que mantenha vivo, pra dizer assim, a gente tem alguém lutando, tem alguém pensando, se vocês esmorecerem, esmorece lá, vamos juntos, orientando, dizendo assim: “olha mas você tem que cobrar isso pro gestor”, onde, qual a legislação que você tem pra cobrar isso do seu gestor, onde você vai buscar recursos pra isso, pra que isso não fique esperando o estado, não fique esperando a secretaria de educação, então a gente por exemplo dava uma lista pra eles de órgãos que eles podiam buscar pra fomento a leitura, pra auxiliar, o viva leitura, tinha projetos, faz o seu projeto, manda, quem sabe você ganha. Autonomia.

F2 - Qual o impacto do Plano no estímulo à leitura na região que ele está inserido e quais as expectativas futuras?

Essa avaliação mais abrangente não foi feita, o que eu posso avaliar na dimensão pontual das bibliotecas e das escolas, junto com esses atuantes de bibliotecas, os gestores, os coordenadores intermediários. E aí eu digo que foi importante mas não cumpriu totalmente seu papel, foi importante, fomentou, discutiu, suscitou, criou esperança, criou perspectiva, as pessoas começaram a se reunir mais mensalmente, começou por exemplo, algumas experiências compartilhadas, foram se criando estratégias de compartilhamento dessas experiências e tudo mais. Então, eu digo que houve um impacto positivo bastante positivo nesse sentido, no contexto de quem atua nos espaços das bibliotecas, da questão identitária de quem atua nesses espaços, de não se sentir marginalizado, de não se sentir solitário, de perceber que existia um contexto, que esse contexto estava estruturado, então eu tenho a quem recorrer, eu tenho como buscar estratégias, eu tenho argumentos para utilizar, eu tenho algum documento no qual me subsidiar, porque esses documentos foram construídos.

Naturalmente muito disso repercutiu na sala de aula, porque essas pessoas levaram isso pro contexto da escola, mas no contexto geral da sociedade, da comunidade eu acho que o impacto foi pequeno, irrisório até diria, bastante irrisório, porque não houve continuidade, veja bem, a gente teve a interrupção desse circuito que era pra comunidade, tanto escolar quanto a comunidade geral, ele era pra ter acontecido em 2012, ele aconteceu em apenas uma regional, ele estava programado pra acontecer em dez regiões administrativas e aconteceu só uma, depois não conseguiu se realizar que é com verba do MinC, a verba tava lá e ela só foi utilizada agora em 2016, foi se renegociando o recurso financeiro para se realizar agora e assim com envolvimento mínimo, pessoas e instituições, porque a pessoa ou gastava o dinheiro, então quer dizer houve uma diluição mesmo de contatos dos envolvidos, de gestão pública do próprio plano para agregar os entes, então os entes, cada um voltou para suas caixinhas, as instituições, muitas hoje eu percebo que não sabem que existe o plano, nesse momento, por isso que precisa existir uma ação maior de chamamento, de convocação e realmente houve um momento em que houve um envolvimento bastante abrangente, mas que depois cada um voltou pro seu cantinho e assim, o reflexo disso na ponta foi pequeno, pra questão do fomento a leitura, para o envolvimento de leitores.

F3 - Quais as suas expectativas em relação ao programa PNL ou PNLL?

Eu acredito, sinceramente, de que isso não vai se perder, de que vai ser retomado uma vez que está posto em alguns documentos do próprio Distrito Federal, principalmente dentro do PDE, então assim, se não houvesse, se essa menção, se essa contextualização não tivesse ocorrido, esses objetivos, essas metas e essas estratégias de implementação, eu temeria muito. Eu acho que pode ficar um pouco engessado, está um pouco engessado, está um pouco morno, está um pouco engavetado, mas existe posto tanto os regimentos das unidades

escolares quanto no plano do distrito a implementação desse projeto, desse plano. Então eu acredito que vá ser retomado e que vai ser repensado.

F4 - Sente dificuldade em desenvolver o seu trabalho?

Muitas dificuldades, muitíssimas dificuldades. Primeiro é reunir o número maior de pessoas, uma vez que é uma consulta pública, uma vez que considerando a multiplicidade de olhares, de perspectivas, de interesses, de instituições, de agregar esses diferentes olhares dentro de um mesmo contexto, dentro de um mesmo olhar, uma das dificuldades maiores que eu acho é essa circularidade, essa descontinuidade de políticas públicas, descontinuidade também de gestão de pessoas, as pessoas costumam não deixar registrado, costumam às vezes não repassar para o outro, não dar continuidade, não dar sequência, a circularidade ela acontece, mas ela precisa ter ações que estejam registradas e que sejam desencadeadas a despeito das pessoas, que deixaram e que saíram. Então assim, a algumas que repassam e outras que se repassam mas não dão continuidade, acha que tem que reiniciar a roda, que o que o outro construiu não vale, então a gente percebe isso muito dentro da secretária de educação, e também da secretária de cultura que é a secretária que particularmente trabalhou com a gente. É uma característica nossa. É. Na construção da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) a gente sentiu uma aparência com um link com o programa da Finlândia, tá certo que é um país de dimensões geográficas pequenas, extremamente pequenas em relação ao nosso e tudo, mas assim, esse aspecto da transversalidade perpassa por tudo, seja nas questões culturais, seja nas questões de educação, e assim, o que está estruturado ele tem continuidade, então vai ser melhorado, vai ser aperfeiçoado, que não é muito o que acontece conosco.

G	Comparação com Plano de outro país/países
---	---

G1 - Conhece o PNLL do Brasil/PNL de Portugal?

Li, estudei, participei de algumas palestras com Galeno Amorim, com Augusto Teori, com Antonieta Cunha, com Leo Cunha. Eu conheci. Conheço algumas pessoas dessa equipe, participei de programas, de palestras no MEC sobre o Plano Nacional do Livro e da Leitura. Não. De Portugal eu não conheço.

G2 - Encontra semelhanças e diferenças no que diz respeito às finalidades e objetivos, à estrutura, à implementação organização/funcionamento/financiamento, resultados obtidos? Entre o Plano Nacional de Livro e Leitura, e o Plano do Distrito Federal de Livro e Leitura. Muita coisa. Ele foi completamente estruturado a partir das orientações que está no plano nacional. Então, há muitas semelhanças, muitas. Agora, o que eu acho que diversificou talvez, porque a gente estava também simultaneamente discutindo o currículo em movimento, o projeto pedagógico da secretária de educação. Então, na construção do nosso plano do Distrito Federal a gente levou muito em consideração as nossas necessidades, o nosso horizonte de experiências de nossas escolas, o contexto das nossas escolas, as especificidades locais e regionais, então tem muito, eu acho que talvez esteja mais... eu não diria que é... o que é comum ao Plano Nacional está contido, está posto no nosso plano, agora, nós temos as nossas especificidades locais, a estrutura do Distrito Federal é diferente, são regiões administrativas, a gente não tem município, a gente tem, são regiões administrativas, elas estão todas muito interligadas ao Plano Piloto, esse setor central, então a articulação do nosso plano foi muito nesse sentido, de ouvir essas regiões administrativas e a partir delas construir o texto. Os objetivos são muito semelhantes, é o que está posto. Agora, o funcionamento, financiamento, essas coisas ainda precisam ser amadurecidas, realmente implementadas.

G3 - Tem algum contato com responsáveis destes programas? Quais os problemas, dificuldades na implementação dos Planos que têm identificado?

Pois é, foi o que eu te falei, nesse momento houve a desarticulação, eu particularmente, mas também como a gerência ainda está ligada a nossa coordenação, hoje a pergunta da minha coordenadora é “Sonia, como é que eu vou acompanhar isso? Sonia??”, eu falei: Pois é, temos que retomar. Se não partir, eu sinto muito... hoje eu acho que a secretária de cultura está mais fragilizada do que a secretária de educação, em termos disso, pra tomar frente. Pra puxar pra si, então eu entendo que precisa que a secretária de educação puxe isso pra si. Até porque nós somos o meio e o fim, o fim é lá, se eu quero fazer um país de leitores eu preciso pensar, claro que eu tenho que pensar na comunidade em geral, claro que eu preciso de pensar naquele que não está no contexto da escola, mas está no seu entorno. Então eu tenho que ter esse olhar, principalmente pro alunado, pro estudante, pro professor, que também precisa estudar, que precisa dar continuidade a sua formação continuada e tudo mais.

G4 - E ao nível dos resultados?

G5 - Em sua opinião em que momento a questão da leitura tornou-se um problema de políticas públicas no seu país? E a nível internacional?

Vou pegar pelo internacional, eu vou citar um francês, que ele diz, tem um texto que eu não me lembro em que ele mais ou menos dizia assim: se me pedir que eu quero que eu avalie que algo é bom pra mim primeiro eu vou pensar se é bom pra minha família. Ah tá, mas se eu for avaliar se é bom pra minha família eu vou olhar se também é bom pra minha comunidade, se eu for avaliar se é bom pra minha comunidade eu vou avaliar se é bom pro meu país, e aí ele vai ampliando esse olhar, ele vai fazendo um... ele parte do pormenor, do mais próximo, pro maior, pro mais abrangente, até falar do planeta, aí por fim ele diz que o fato dele ter nascido francês era um mero acaso. Então assim, eu sinto assim, no Brasil, eu sei da feira de bolonha, mas não sei precisar em que momento congregou esses esforços nacional e internacionalmente e tudo mais, mas eu sei que a gente tem a feira de bolonha, a gente tem grandes artistas nossos premiados, escritores, ilustradores e tudo mais, e que essa rede de comunicação ela se ampliou claro com a questão da chegada da globalização, de como está acontecendo isso aqui, ali, a gente começou a ter noção maior disso a partir do processo de globalização. Agora no Brasil eu sinto que a preocupação ela se deu a partir da década de 70, eu estava com 10 anos, mas assim, a gente já começava a ver a circulação dos livros chegando às escolas, eu lembro de chegar um livrinho aqui, outro ali, a gente ler, e a partir desse momento, eu gosto muito do Ezequiel Teodoro, eu acho um grande ícone desse processo, mas a gente tem vários, mas o Ezequiel particularmente, ele sempre teve uma visão muito abrangente disso, dessa questão da democratização. Então eu acho que esse grupo, aí tem a questão do Pro leitura que foi instituído, do Proler, quer dizer, vários programas antes disso também antecederam, houve tantos outros programas, mas esses programas ele começaram a dialogar entre si, as pessoas que pensaram, que conceberam isso nas universidades, aí entra a UFMG, a Unicamp que tem um papel importantíssimo nisso tudo, do Coli (congresso de leitura) – Ezequiel que coordena na unicamp. Então pra mim essa maior preocupação começa a partir da década de 70 mesmo e que a gente vai ter a culminância na década de 90. Pra mim a década de 90 é muito significativa porque foi quando realmente eu acho que os governos começaram a trazer pra si essa responsabilidade, pelo menos no que eu acompanhei dessa política pública de leitura. Às vezes a gente estuda, lê, lê, e você se afasta e começa a pensar “será que é isso mesmo”?

- A questão da leitura ser tratada como voluntariado

Eu acho que voluntariedade é sempre algo bacana, acho legal, até porque a pessoa tem uma predisposição pra tal. Mas eu acho que nós não podemos delegar somente ao voluntariado, é

impossível você fazer fomento de leitura, principalmente, eu acho que o voluntariado ele entra muito nesse momento, pode entrar muito nessa questão, po que bacana. A gente sabe por exemplo, a mala da leitura da secretária de cultura funciona assim, são voluntariados, são pessoas da comunidade que recebe acervo que chama, bacana, eu acho muito bonito. Bacana que as pessoas ganham os livros. Mas não se pode infringir a isso. Estruturalmente alguém, dentro da estrutura política do país, é uma política pública e precisam ser encaradas por entes que realizam essa política pública, não tem como você delegar isso a outrem, compete a quem faz a gestão das políticas públicas fazer a gestão dessas políticas pra leitura. Só queria citar Gabriel Benak no final, que amar é fazer dom de nossas preferências aqueles que preferimos. É o mediador que faz, que mostra aquilo que ama para o ser amado. E eu acho que a educação passa por ai, a leitura passa por ai.